

ESTANTE

MEMÓRIAS

História do convívio com um gênio da psicanálise

Jacques Lacan deixou sua marca no mundo intelectual, mais que apenas no da psicanálise. Filosofia, arte, literatura e linguística eram áreas em que se imiscuía sem receios – era, por exemplo, um aficcionado pelo escritor irlandês James Joyce. Fez inclusive incursões por terrenos bastante densos da matemática, como a topologia – quando quis incorporar figuras excêntricas como as fitas de Möbius e garrafas de Klein à sua análise psicanalítica (o que foi no mínimo posto em cheque pelo físico Alan Sokal, no fim da década de 90). É tido ainda hoje, 36 anos (completados no último dia 9) após sua morte, como um gênio, que foi além de Sigmund Freud. Como muitos gênios, tinha uma personalidade difícil, para dizer o menos, e esse lado pessoal tem sua atratividade – para lançar um pouco de luz sobre a pessoa que existe nesse gênio. Esse lado pessoal vem à tona em “A Vida com Lacan”, de Catherine Millot, que chega às livrarias. Millot teve um convívio pessoal com Lacan entre 1972 e 1981. Vemos um sujeito que dirigia a 200 km/h na autoestrada e, aos pedidos de que fosse mais devagar, se



fazia de surdo; um médico que não hesitava em dizer (em termos impublicáveis neste espaço) que um paciente era irrecuperável (embora o paciente se sentisse aliviado depois disso). O Lacan do relato de Millot se aproxima bastante do estereótipo do gênio – alheio ao mundo real, errático nas relações pessoais, mas dono de uma capacidade intelectual que mesmo seus antagonistas precisam reconhecer.

A VIDA COM LACAN

Catherine Millot
Editora Zahar
116 páginas
R\$ 44,90